

## LIVROS EM DESTAQUE

### FEMINISMO: o ponto de vista marxista

Zuleika Alambert  
São Paulo, Nobel, 1986.

Simone de Beauvoir, no *Segundo Sexo* considera que os marxistas sempre negaram a especificidade da luta das mulheres, já que atribuem a causa fundamental de sua opressão e exploração à propriedade privada dos meios de produção. Para ela, a burguesia manteve essa opressão, mas jamais foi a autora dessa opressão.

Muitas são as feministas que vêem a questão da mulher como um problema meramente cultural. Para Zuleika Alambert, que se declara marxista e feminista, a divisão entre feministas e marxistas enfraquece o movimento de emancipação da mulher. E é com essa preocupação, que a A. procura na obra unir estas duas visões. Numa linguagem fácil e descomplicada – nada comum em obras do gênero – Zuleika empreende a tarefa de analisar o pensamento de marxistas e feministas e lamenta a resistência do movimento marxista em apreender os reflexos das mudanças de caráter material e cultural ocorridas no mundo nas duas últimas décadas sobre a situação da mulher. Eles insistem em encarar a condição feminina tal qual Marx e Engels em fins do século passado, pouco avançando além da afirmação de que “a questão feminina é uma questão social”. Para a A., os marxistas foram atropelados pelo movimento feminista na questão da mulher. Zuleika dedica um capítulo especialmente à Alexandra Kollontai, mulher surpreendente – hoje esquecida na União Soviética – e sempre lembrada pelas feministas por seu posicionamento de que uma nova sociedade deve possuir uma nova mulher e uma nova moral. É surpreendente encontrar nesta marxista dos primórdios da revolução grande lucidez e descortino dos problemas que a militância encerra, problemas ainda hoje atuais: lutar pelo geral, acreditando-se que a conquista do específico seja consequência natural e, dessa forma, deixar para as calendas a questão feminina. . .

Vale atentar às palavras de A. Kollontai: “mudem-se as estruturas, substituam-se as velhas relações de produção por formas novas que desobstruam o caminho para o avanço das forças produtivas, substitua-se a sociedade burguesa pela socialista e encontraremos unidos para isso todos os revolucionários.

Mas, ao momento em que se trata de romper com a velha mentalidade patriarcal pela qual a mulher é um simples brinquedo do homem, então todos os revolucionários se unem em defesa dos mais terríveis preconceitos, dos mais arcaicos costumes, das mais caducas tradições, como qualquer burguês reacionário”.

Silvia Cintra Franco

### INSTITUIÇÃO E RELAÇÕES AFETIVAS – o vínculo com o abandono

Marlene Guirado  
São Paulo, Summus, 1986.

*Instituição e Relações Afetivas*, fruto da tese apresentada no Instituto de Psicologia da USP para obtenção do título de Doutor em Psicologia, por Marlene Guirado, não é apenas mais um livro sobre o problema da criação em abandono ou infração. Na verdade, temos ao longo dos cinco capítulos que o constitui, um marco inovador pela feliz união do enfoque psicanalítico com o sociológico. Embora afirme a autora, em seu prefácio, que essa duplicidade nem sempre foi pacífica e que o desafio de explicá-la configurou-se maior que a proposta de análise do discurso de agentes institucionais e de internos da Febem de São Paulo, o que percebemos é exatamente que esse duplo recorte possibilitou a autora uma singularidade que explica-se a si própria.

Artesanalmente, a autora escuta, observa, identifica e analisa “nas posições atribuídas e assumidas pelos sujeitos – ‘agentes e pacientes’ – o interjogo do afeto, ou melhor dos vínculos imaginados como possíveis”, na instituição.

O caminho que percorre da representação do instituído à representação do desejo, permite-lhe estabelecer relações a respeito da afetividade, da carên-

cia afetiva, do abandono, do lugar da família e o da instituição na configuração da subjetividade da criança dependente da assistência social.

Sua contribuição para a aplicação da Psicologia à realidade de uma instituição de promoção social, aparece como outro marco: aquele que, respeitosa e competentemente, denuncia a ausência da criança no discurso, no campo de relação e de visão do técnico-psicólogo. A criança, referida como objeto de ação do agente, é reconhecida, pelo psicólogo, como quem sofre a ação; é um "caso" a ser examinado, diagnosticado, discutido, liberado. Não importa a criança em si, mas sua adequação a padrões que garantam "saídas" (da instituição: tipo transferência, adoção, etc...).

Marlene Guirado dá voz à criança internada e dá voz ao agente institucional. Além disso, dá voz aos "dois lados de sua mesma moeda": o processo de sua prática profissional e sua formação teórica. Mas, principalmente, dá voz ao seu próprio desejo de pesquisadora ambivalente entre o subjetivo e o objetivo, o psicanalítico e o social, o singular e o plural, o impulso de transgressão (o de não "amarrar") e a necessidade acadêmica de conclusão; e é ao ressonar harmoniosamente todas essas vozes que a autora aponta saídas possíveis para as relações afetivas com a criança na instituição.

Aicil Franco\*

\* Matéria publicada com a autorização do jornal do CRP (06)

### O QUE É POLÍTICA SOCIAL

Vicente de Paula Faleiros  
São Paulo, Brasiliense, 1986.

Do mesmo autor de *A política social do Estado capitalista* (Cortez, 1985), este novo volume da Coleção Primeiros Passos discute, de forma concisa mas abrangente, o significado das chamadas políticas soci-

ais nas sociedades capitalistas.

Partindo da forma pela qual surgiu historicamente este tipo de atuação do Estado, aborda tanto seu papel nos países capitalistas avançados, como nos periféricos, entre os quais o Brasil. Mostra como essas políticas, entre as quais está a educacional, desenvolvem-se em meio às contradições entre as necessidades de reprodução da força de trabalho e as exigências do capital para se valorizar, de um lado, e as lutas sociais e as crises do capitalismo, de outro.

São examinados 4 "complexos": o sócio-assistencial, o sócio-industrial, o sócio-financeiro e o urbano social, onde agrupam-se os vários sistemas de "benefícios", "auxílios" e serviços que compõem a política social. O texto discute como essas políticas constituem-se em objeto de disputa entre as diferentes forças sociais, dentro do processo de hegemonia e contra-hegemonia da luta de classes.

Trata-se de livro que introduz habilmente o leitor nesta área de estudos, que hoje torna-se de grande interesse para aqueles que, mesmo trabalhando em campos especializados – saúde, educação, habitação, etc. –, querem entender o significado mais amplo dos avanços e recuos que percebem à sua volta.

M. M. C.

### MULHER, SOCIEDADE E ESTADO: trabalho, saúde, educação

Revista da Fundação SEADE, v.2 n° 1 Jan./Abr. 1986.

A Fundação SEADE e o Conselho Estadual da Condição Feminina – SP acabaram de lançar o n° 1, v.2 de sua revista dedicado a algumas questões relativas à saúde, educação e trabalho da mulher e do menor.

A participação da mulher no mercado de trabalho é assunto de dois artigos, um dos quais baseado na avaliação da Década da Mulher, publicação do Conselho Estadual da Condição Feminina e editora Nobel. O mesmo sucede com os artigos de Fúlvia Rosemberg

e Carmen Barroso – A Educação Formal da Mulher e A Saúde da Mulher no Brasil – ambos fundamentados na avaliação da Década e dos quais são também autoras.

“A participação atual da mulher no mercado de trabalho”, artigo de Atsuko Haga analisa a discriminação da mulher no mercado de trabalho, as taxas de desemprego feminino que se revelam mais altas que as do grupo masculino e as condições de trabalho das trabalhadoras – sempre piores – quando comparadas às de seus companheiros.

Cristina Bruschini em “Mulher e trabalho: uma

avaliação da Década da Mulher (1975-1985)” observa que neste período algumas conquistas se deram, mas que, ainda hoje, a atividade feminina possui caráter complementar e secundário na esfera produtiva.

A necessidade de se analisar o menor carente não apenas em sua condição de abandonado ou de infrator, mas enquanto participante do mercado formal do trabalho é tema do artigo de Lia M. G. Abrahão Farath. “Mortes maternas” e a desnutrição no Brasil completam este número da revista.

*Silvia Cintra Franco*